



Reestudo dos estromatólitos do grupo Itaiacoca (Proterozóico) ao sul de Itapeva, SP

William SALLUN FILHO¹

Thomas Rich FAIRCHILD²

As primeiras ocorrências de estromatólitos no Brasil ("*Collenia itapevensis*") foram descritas em metacalcários ao sul de Itapeva (SP) por Almeida em 1944 e reexaminadas por Fairchild em 1977. Pertencem ao grupo Itaiacoca que se estende NE-SW dentro da Faixa Ribeira, desde Itapeva até Castro (PR), e compreende uma sucessão vulcanossedimentar deformada, de baixo grau metamórfico. Próximo a Itapeva, apresenta na base, um predomínio de rochas clásticas/vulcanossedimentares, seguidas de rochas vulcânicas/vulcanossedimentares e de rochas químicas/clásticas. Os carbonatos provavelmente foram depositados em plataforma continental rasa, provavelmente no Mesoproterozóico.

Os estromatólitos ocorrem principalmente em metacalcário dolomítico cinza-claro com laminação mal preservada (recristalizada), mas com margens originais discerníveis, e, secundariamente, em metacalcário calcítico cinza-escuro que apresenta melhor preservação laminar, mas margens estromatolíticas deformadas dúctil-ruptilmente. As diferenças na preservação dos estromatólitos podem ser relacionadas ao comportamento tectônico diferenciado entre o metacalcário dolomítico (mais puro e competente) e o calcítico (mais argiloso) que atuou de forma mais plástica.

O reestudo de ocorrências clássicas e de outras novas revelou a presença de quatro morfotipos básicos de estromatólitos, todos colunares. O mais comum consiste de colunas coniformes, não ramificadas, de diâmetros e alturas centimétricas a decimétricas, atribuídas a *Conophyton*, na maioria dos casos. Os outros três morfotipos, com laminação convexa mas não coniforme, apresentam ramificação, mas diferem em tamanho, silhueta e estilo/frequência de ramificação. Dois destes contam com ramificação paralela, sendo um maior (decimétrico) e o outro menor (centimétrico). O último morfotipo é pequeno (centimétrico) e caracterizado por ramificação divergente.

Nas melhores exposições desta área (pedreiras Lavrinhas e Indumine) os estromatólitos estão agrupados em bioermas de *Conophyton*, sem indícios de exposição ou retrabalhamento sub-aéreo, evidenciando um ambiente calmo e relativamente profundo (talvez até algumas dezenas de metros).

Apesar dos problemas de preservação, o uso destes estromatólitos para correlação é possível, principalmente através de *Conophyton*, que é uma forma utilizada para tal em outras partes do mundo. As formas de *Conophyton* encontradas em Itapeva se assemelham a outros estromatólitos no grupo Itaiacoca perto de Castro, mas diferem de formas de *Conophyton* descritas nas unidades marginais ao Cráton do São Francisco. Outras unidades proterozóicas da Faixa Ribeira em SP e PR, geograficamente separadas do grupo Itaiacoca, também contêm estromatólitos, como a formação Capiru, porém sem *Conophyton*.

1. Programa de Pós-graduação em Geologia Sedimentar, IG-USP

Bolsista FAPESP - Proc. nº 97/114353

wsallun@usp.br

2. Departamento de Geologia Sedimentar e Ambiental, IG-USP, Caixa Postal 11348

05422-970 São Paulo, SP

trfairch@usp.br

Projeto financiado pela FAPESP-Proc. nº 97/13682-8.